

GRINDR: APONTAMENTOS SOBRE OS DISPOSITIVOS DA GENTRIFICAÇÃO DO *QUEER*

Thiago Scarpat
Mestrando do curso de Pós-graduação em
Comunicação e Territorialidades
Universidade Federal do Espírito Santos - UFES
E-mail: thiagomozer1@gmail.com

Orientadora: Prof^ª Gabriela Santos Alves
Universidade Federal do Espírito Santos - UFES
E-mail: gabriela.alves@ufes.br

RESUMO

Discute a mutação do conceito de gentrificação a partir da perspectiva da territorialidade digital, tomando como base uma pesquisa de mestrado em andamento. Tem como objetivo central entender como a noção de gentrificação, quando adentra o ciberespaço, torna-se um diagrama estruturado por dispositivos tecnopolíticos, percebidos a partir do conceito *gentrificação do queer*. Toma como *corpus* analítico o *Grindr*, aplicativo de encontro afetivo-sexual *queer*. Reúne autores dos estudos sobre tecnopolítica, territorialidade, gentrificação, poder e teoria *queer*. É um trabalho de pesquisa qualitativa, em fase descritiva cuja metodologia é a genealogia, que visa a contribuir com uma reflexão sobre como a noção de *gentrificação do queer* vem no bojo de um fenômeno que cruza as teorias tecnopolítica e *queer* numa rede social digital de busca por parceiros, cuja ação em curso é movimentada por dispositivos, descritos em forma de resultados neste paper.

Palavras-chave: *gentrificação do queer*; tecnopolítica; dispositivo; *Grindr*.

INTRODUÇÃO

No quadro teórico dos estudos sobre gentrificação, suas análises ainda identificam este fenômeno como algo estritamente pertencente aos territórios físicos (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006). No entanto, estudos vêm surgindo com o interesse de investigá-la no plano simbólico-cultural, como é o caso da aparição do conceito *gentrificação do queer* (SCHULMAN, 2018, tradução nossa). Assim, a reflexão abstrata sobre a gentrificação vem identificando dispositivos (DELEUZE, 1988) que são acionados simbólico-culturalmente quando este fenômeno é acionado. Porém, se há marcos teóricos que analisem o processo de

transição da gentrificação dos territórios físicos para os simbólicos, há, ainda, uma escassez analítica quando se pensa a aparição deste conceito nos ciberterritórios (LE MOS, 2010).

Buscando superar este vazio epistemológico, esta pesquisa de dissertação, intitulada “A gentrificação do *queer* na territorialidade digital: dispositivos tecnopolíticos no aplicativo *Grindr*”, analisa que é o gesto intermedial das teorias tecnopolíticas (BRUNO et al., 2018) quem arrasta a categoria da gentrificação para o ciberespaço. Para observar esta transição, elegeu-se o aplicativo de encontros afetivo-sexuais *Grindr* como *locus* privilegiado à análise. Assim, o estudo desenvolvido nesta dissertação tem por objetivo geral compreender a articulação entre as noções de tecnopolítica e *queer* no *Grindr* como chave de leitura de um fenômeno intitulado *gentrificação do queer*. A fim de se compreender este imbricamento, esta pesquisa pensa que categorias tecnopolíticas emergem deste aplicativo e que sejam capazes de edificar o conceito *gentrificação do queer*, demonstrando que esta noção gentrificadora já alcançou o ambiente digital.

O objetivo deste *paper*, então, é demonstrar brevemente a mutação do termo gentrificação, e, quando este termo adentra o ciberespaço, torna-se um diagrama (DELEUZE, 1988) tecnopolítico, que é movimentado por dispositivos (*idem*, 1988). Tais dispositivos, por sua vez, são percebidos numa metodologia genealógica, estão elencados no subcapítulo “Resultados”, no qual comentaremos brevemente os rumos e achados desta pesquisa, e representam apenas um recorte de uma dissertação ainda em curso.

DESENVOLVIMENTO

O termo gentrificação surge em 1963, propagado pela socióloga britânica Ruth Glass, ao evidenciar criticamente as alterações socioeconômicas e espaciais sofridas nos arredores de Londres (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006). De acepção urbanística, este termo designava as migrações ocorridas do centro para a margem das cidades em função de pressões imobiliárias e econômicas, ou seja, designa processos de reterritorialização (HAESBAERT, 2012).

No entanto, com a aparição do livro *The Gentrification of the mind: Witness to a lost imagination*, de Sarah Schulman¹ (2012), o termo gentrificação sofre uma expansão semântica: aqui, não se trata apenas de um conceito que explica a requalificação urbana que

¹ O livro *The Gentrification of the mind: Witness to a lost imagination* foi apenas traduzido para a língua francesa, originando a obra *La gentrification des esprits*, publicada em 2018. No decorrer deste texto, trabalharemos e citaremos, portanto, a versão francesa.

foi implantada em diversos centros urbanos, deslocando os seus corpos e impondo agendas de reestruturação destes centros, mas do impacto que a gentrificação tem nas subjetividades destes corpos deslocados. Especificamente neste livro, Sarah (2018) elabora um pensamento inédito: tomando como exemplo a cidade de Nova York, ela associa o processo de espraiamento da pandemia de HIV/AIDS² com o processo de expansão da gentrificação. Vendo-os de modo não dissociados, a autora alega que os dispositivos de vigilância e controle (DELEUZE, 2017) que se instauram a partir desta pandemia no seio da comunidade *queer*³ são outras facetas dos dispositivos de vigilância e controle advindos da gentrificação.

Como consequência desta retroalimentação de dispositivos, a autora diz que um novo processo de gentrificação se instaura como metáfora do retorno do armário (SEDGWICK, 2007) e da onda conservadora dentro da própria comunidade *queer*. Sarah propõe pensar como uma nova formulação da gentrificação vem à tona, para além do espaço físico, alegando que este modo de gentrificação e seus dispositivos agem em prol de uma negociação da visibilidade (MISKOLCI, 2014; 2017). Logo, instaura-se uma disputa de forças entre centro (visibilidade) e margem (invisibilidade), entre norma e dissidência, gerando um diagrama de vigilância e controle (DELEUZE, 1988; 2017) sobre o *queer*, composto discursos, pelo retorno do conservadorismo, pela representação midiática da doença e do *queer* e por uma série de recursos simbólicos que empurram o *queer* à (in)visibilidade.

Ora, é neste panorama temático que surge esta pesquisa de dissertação. Porém, o presente trabalho de mestrado busca entender como este novo processo gentrificador alcança o espaço informacional em rede (LEMOS, 2010). Se Sarah argumentou esta gentrificação tácita, subjetiva e midiática ainda ligada ao espaço físico, como pensar o deslocamento desta gentrificação para o território do digital? Como se dá esta transição? Portanto, esta dissertação busca pensar que são as tecnopolíticas que efetuam (BRUNO et al., 2018) a permeabilidade deste conceito entre o território físico e o território informacional.

É neste eixo temático que se faz surgir uma das inquietações desta pesquisa: ora, se falamos de território e territorialidade (HAESBAERT, 2012; RAFFESTIN, 1993), há uma

² Em língua portuguesa, para se falar de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) causadas pelo retrovírus HIV, conservou-se o uso de suas siglas anglófonas, estando o Vírus da Imunodeficiência Humana para o HIV (HIV é o acrônimo inglês), bem como a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida para a AIDS (AIDS é, portanto, o acrônimo inglês).

³ *Queer*, xingamento inglês que quer dizer estranho e abjeto (MISKOLCI, 2017), serve para se referir tanto a sujeitos cujos gênero, expressões de gênero e orientação sexual diverjam da heteronormatividade quanto à epistemologia que se forma dentro da palavra guarda-chuva estudos de gênero.

lacuna interpretativa em seus estudos em não apontar os processos de gentrificação que daí derivam. Logo, este texto dedica atenção a esta fresta: se este programa de pós-graduação nos convida a pensar a Comunicação pela via do território, como se pensar uma gentrificação simbólica, que está em pleno acontecimento na territorialidade digital? Como esta gentrificação se desloca entre territórios e se plasma no espaço informacional, como é o caso do objeto desta pesquisa, chamado *Grindr*, um aplicativo móvel de encontros sexuais para sujeitos *queer*⁴?

Assim, reforçamos que a escolha deste objeto se dá justamente pelo fato de o *Grindr* ser um objeto que destrincha o nosso tema: é um aplicativo que atravessa tanto a intersecção das teorias da comunicação e das territorialidades quanto a encruzilhada das teorias *queer* com as de tecnopolítica. A partir deste programa de pós-graduação que busca ler a problemática da comunicação através do debate sobre território, o conceito de *gentrificação do queer* se dá na confluência dos processos de territorialização (HAESBAERT, 2012; RAFFESTIN, 1993; SCHULMAN, 2018), tecnopolítica (BRUNO et al., 2018) e teoria *queer* (MISKOLCI, 2017; PRECIADO, 2018). E ele é localizado no aplicativo móvel *Grindr*, lócus e objeto deste trabalho, que suscita minimamente duas territorialidades nesta pesquisa: uma, digital; outra, sexual.

Diante desse tema, a problemática que move esta pesquisa parte da seguinte indagação: de que estratégias tecnopolíticas o conceito de *gentrificação do queer* lança mão para surgir na territorialidade digital do *Grindr*? Para responder a tal questão, esta investigação demandou um esforço interpretativo que lançou mão de alguns campos teóricos que, somados, puderam estruturar as hipóteses e o problema deste trabalho: a expansão conceitual da *gentrificação do queer* e o deslocamento deste conceito para a territorialidade digital a partir de categorias tecnopolíticas, a serem explicitadas abaixo.

Convém destacar que é pela pesquisa qualitativa (PRODANOV; FREITAS, 2013) que conseguimos perceber categorias tecnopolíticas engendrando tanto o *queer* no aplicativo *Grindr* quanto o conceito-título desta dissertação, o que nos fez perceber, portanto, que a gentrificação de que falamos aqui, quando adentrada o ciberespaço, é um ato tecnopolítico.

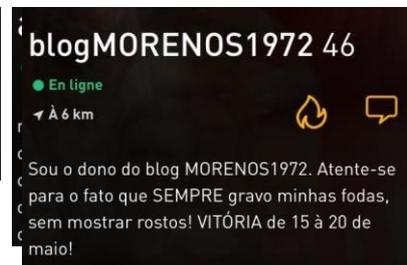
⁴Embora o *Grindr* tenha-se popularizado, em seu princípio, como um aplicativo voltado aos gays, hoje, segundo informações de seu site, o “Grindr é o maior aplicativo em rede social do mundo para gay, bi, trans e pessoas *queer*” (GRINDR, 2020, tradução nossa). Uma vez que uma das linhas teóricas deste trabalho é a teoria *queer*, cremos ser inclusivo nomeá-lo como uma rede social digital *queer*, ainda que haja, ali, uma prevalência do exercício homoerótico. Disponível em: <<https://www.grindr.com>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

Ora, foi no avançar desta categoria qualitativa que nós nos preocupamos em entender a *gentrificação do queer* como um diagrama que lança mão de categorias tecnopolíticas aqui lidas como um dispositivos (FOUCAULT, 2018; DELEUZE, 1988).

Aqui, optou-se por recorrer metodologicamente à noção de diagrama para exemplificar a *gentrificação do queer* justamente porque necessitávamos de um conceito que desse conta desta desterritorialização sofrida pelo termo *gentrificação* e porque a própria Sarah já flerta com este conceito. Ora, se este termo se descola do espaço físico e adentra o ciberespaço (LEMOS, 2010), que é um território abstrato, sem fronteiras, reticular, é porque este se aproxima da noção de diagrama. Para tanto, lançamos mão de uma ideia metodológica: *produzir um arquivo tecnopolítico* que seja capaz de ler o *Grindr*, que, aqui, aparece na seção “resultados”. Como modo de sustentar este expediente de colagem de teoria com metodologia, buscamos sustentar tal ideia com o princípio metodológico foucaultiano da genealogia (FOUCAULT, 2007; 2018). Foi a partir deste esquema, portanto, que conseguimos cartografar o percurso de conceitos e propor categorias tecnopolíticas que atuem como dispositivos que engendram o diagrama da *gentrificação do queer* na territorialidade digital deste aplicativo — categorias estas que serão explicadas logo abaixo.

RESULTADOS

Ao recorrermos teórico-metodologicamente às noções de diagrama e dispositivo para dar conta da entrada da *gentrificação* no ciberespaço, propomos a seguinte estruturação de capítulos à dissertação: capítulo 1, chamado “A *gentrificação*: da margem ao centro”, no qual discutimos teoricamente a relação deste termo com a teoria *queer*; capítulo 2, intitulado “Grindr: tecno, logo existo”, no qual as reflexões do primeiro capítulo são atravessadas pelas teorias tecnopolíticas quando se busca pensar como a *gentrificação* (do *queer*) age no ciberespaço, uma vez que nosso objeto permite tais confrontamentos epistemológicos; o último capítulo, nomeado “A *gentrificação do queer*: dispositivos tecnopolíticos”, no qual pensamos as categorias tecnopolíticas que movimentam o diagrama da *gentrificação do queer* no ciberespaço, delineadas sob a perspectiva de dispositivos e suas relações de força.



Estas capturas de tela são apenas um recorte de um total de 327 capturas de perfis recolhidas ao longo de um processo netnográfico (KOZINETTS, 2014) de uso e observação do aplicativo. No entanto, este sucinto material supraexposto já serve para demonstrar a heterogeneidade de discursos que circulam neste aplicativo. Buscando agrupar tais apontamentos em forma de dispositivos — que deram origem a subcapítulos que organizam tais heterogeneidades em categorias teórico-analíticas.

Em sendo assim, propomos na dissertação as seguintes categorias: 1) “Controle: subjetividades sigilosas”, em que aventamos discutir para onde aponta esta recrudescência da exigência do sigilo como condicionante à prática da sexualidade e como moeda de negociação das visibilidades ali inseridas, gerando por vezes inquietações sobre que sigilo os usuários estão falando e como este se aplica; 2) “Privacidade hackeada: fakes, (in)visibilidade e exposição” buscaremos entender como os usuários temem pela exposição de suas imagens no *Grindr* e como se tem crescido o número de queixas sobre a presença de perfis *fakes* naquele aplicativo, gerando uma disputa de forças e vigilância que se espriam sobre seus usuários, que acabam por ficar no limiar entre a invisibilidade e a exposição; “A *grindrificação* de si: espetáculo, vigilância e dividualidade”, em que tratamos de um processo de modulação das subjetividades via *grindrificação*, um neologismo proposto que joga com as noções de espetáculo (DEBORD, 2008; SIBILIA, 2008), vigilância imanente e distribuída (BRUNO, 2013) e dividualidade (DELEUZE, 2017), assumindo a forma de um dispositivo cujos atores, modulando suas subjetividades via sigilo, espetacularizam as suas intimidades via ciberespaço; “Tirantias da intimidade: ironia e misoginia”, uma categoria-dispositivo que observa a conjunção de ironia e misoginia (HALPERIN, 2015), trazendo à baila o apagamento de expressões de gênero femininas, culturalmente associadas à passividade, e gerando uma atmosfera de violência simbólico-digital.

Neste último capítulo, então, estão os resultados de nossa pesquisa de dissertação que foram agrupado em forma de categorias através da noção de dispositivo, o que nos permitiu afirmar que a *gentrificação do queer*, quando adentrada no ciberespaço, torna-se um diagrama que é movimentado por dispositivos cujas relações de forças estão elencadas nos subcapítulos supracomentados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste *paper* era demonstrar, brevemente, a mutação do termo *gentrificação* ao longo do tempo e de epistemologias diversas e pensar como este termo torna-se um diagrama tecnopolítico quando adentrado o ciberespaço. Estando em curso nos territórios informacionais em rede, este diagrama é composto por relações de forças a que chamamos, em forma de categorias analíticas, de dispositivos.

Em sendo assim, tomamos como locus de análise o *Grindr*, um aplicativo de encontro afetivo-sexual *queer*. Para tanto, pensamos a *gentrificação* em andamento neste aplicativo a partir da conceitualização *gentrificação do queer*, elaborada pela estudiosa Sarah Schulman (2018), um termo que discute processos de negociação de visibilidade, vigilância e controle na comunidade *queer* via *gentrificação*. Como modo de assegurar a presença simbólica de tal *gentrificação* no seio do *Grindr*, desmontamos o conceito schulmaniano a partir de dispositivos tecnopolíticos que demonstram como a heterogeneidade de relações de ironia, misoginia, vigilância, controle de perfis *fakes* e afins agem como elementos estruturantes da *gentrificação do queer* na territorialidade digital.

REFERÊNCIAS

BIDOU-ZACHARIASEN, C. (org.). **De volta à cidade**: dos processos de *gentrificação* às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006.

BRUNO, F. **Máquinas de ver, Modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulinas, 2013.

BRUNO, F. et al. (orgs.). **Tecnopolíticas da vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018.

- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- _____. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- HALPERIN, D. M. **L'art d'être gai**. Paris: Epel, 2015.
- KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- LE MOS, A. **Cibercultura - tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- MISKOLCI, R. “Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais”. In: **Bagoas**, n. 11, pp. 51-78, 2014.
- _____. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- PRECIADO, P. B. **Testo junkie - sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- PRODANOV, C.; FREITAS, E. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- SEDGWICK, E. K. “A epistemologia do armário”. In: **Cadernos pagu**, n. 28, jan-jun, pp. 19-54, 2007.
- SCHULMAN, S. **The gentrification of the mind: witness to a lost imagination**. Berkeley: University of California Press, 2012.
- _____. **La gentrification des esprits**. Paris: Éditions B42, 2018.
- SIBILIA, P. **O show do Eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.